

**Cerimónia de Posse de António Feijó como Presidente do  
Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian  
3 de maio de 2022**

**Caros Colegas**

***“After all, tomorrow is another day “...***

Nunca uma expressão, que tantas vezes repito, foi tão apropriada, sobretudo como no dia de hoje.

Confesso que nunca pensei muito nisso! Não dei pelo tempo passar, tive sempre um entusiasmo crescente que culminou nestes últimos cinco anos.

Mas **“*amanhã*”** é também **“*um outro dia*”** para a Fundação Calouste Gulbenkian e para o seu novo Presidente que iniciará uma nova fase na vida da instituição e que estou certa abrirá caminhos e trará novos olhares sobre o futuro.

\*\*\*

Mas antes de começar a pensar nos próximos dias do resto da minha vida... não resisto a fazer umas breves considerações sobre esta fase que agora termina e que tanto me marcou.

\*\*\*

Estou na Fundação há quase 26 anos – uma boa parte da minha vida profissional que comecei aos 18 anos, primeiro a dar aulas no ISEG onde me

licenciei; logo em seguida, integrei o secretariado técnico da Presidência do Conselho de Ministros, um “farol” de pensamento sobre a sociedade portuguesa que apontava ao futuro do país e onde muitos dos nossos melhores quadros de então começaram a sua carreira.

Foi aqui que vivi o período antes, durante e depois do 25 de Abril.

Mais tarde, na fase de abertura do país ao exterior, estive no Gabinete que, no Ministério das Finanças, (*a partir de 1978*) era responsável pela cooperação económica externa e pelas negociações com as instituições internacionais de apoio ao desenvolvimento.

Logo após a adesão à então CEE (Comunidade Económica Europeia), estive em Bruxelas, na REPER; e, em 1987, integrei o governo, como Secretária de Estado do Planeamento e Desenvolvimento Regional, responsável pela primeira fase de aplicação dos fundos europeus, num período marcante de **aproximação do país aos níveis de desenvolvimento dos países Europeus.**

Fui muitas vezes bafejada pela sorte, pois estive sempre **no sítio certo, à hora certa...** sempre em funções que foram inovadoras e exigentes e sempre ligadas ao desenvolvimento e integração europeia em momentos chave do nosso País.

Vim para a Fundação em 1996, a convite de Emílio Rui Vilar, então Administrador, onde comecei como diretora do orçamento e do planeamento. Integrei depois a Administração (em 1999) presidida por Victor de Sá Machado, o que me permitiu participar no processo de modernização da instituição que então se iniciou.

\*\*\*

A Fundação sempre me fascinou de uma forma única: é um universo mágico particularmente rico onde se cruzam saber, independência, reflexão, cultura (música, artes), natureza (jardins), um lugar no nosso imaginário coletivo onde tudo nos toca e enriquece.

E, sobretudo, o desígnio fundamental da filantropia –de fazer bem, o bem!

E depois as pessoas, a importância do espírito científico, a capacidade de convocatória, o culto da beleza e da cultura. Uma instituição com uma cultura organizacional muito própria, que oscila entre um respeito por uma história de mais de 65 anos, e uma abertura ao futuro e à inovação, consciente da necessidade de fazer sempre melhor numa sociedade em permanente mudança.

\*\*\*

Os últimos cinco anos - em que uma vez mais as circunstâncias se conjugaram para ser Presidente – apesar de um mandato marcado por dois anos de Covid e, mais recentemente, por uma guerra que veio abalar as nossas convicções acerca de um futuro coletivo enquanto portugueses e Europeus, foram anos difíceis, mas muito gratificantes.

Tenho a plena consciência de que o exercício de um mandato de presidente é marcado tanto por **escolhas estratégicas** quanto por **fatores externos**, geralmente imprevisíveis.

De igual modo, também nenhum mandato pode ser visto de forma isolada. Ele resulta, antes de mais, de um legado que recebemos em mãos, e de um exercício partilhado com os colegas do Conselho de Administração e com os colaboradores da Fundação.

\*\*\*

Na minha tomada de posse afirmei e hoje posso confirmar que o privilégio de assumir a presidência da Fundação Calouste Gulbenkian é apenas excedido **pela responsabilidade de servir uma instituição cujo legado ao serviço do bem comum a todos nos honra.**

Na altura assumi **três compromissos**: com o futuro, com os mais vulneráveis e com a importância da cultura – (no sentido que inclui arte, educação e ciência) - que nos dá a sabedoria e constitui os alicerces da tão necessária tolerância nos tempos conturbados em que vivemos.

Afirmei e pude confirmar, que uma sociedade culta dificilmente será compatível com uma sociedade que não é solidária. E poucas vezes como nos últimos anos estas premissas foram tão postas à prova.

\*\*\*

Apesar dos condicionalismos referidos, levámos a cabo importantes **realizações** que importa assinalar:

- **A venda da Partex** constitui uma das decisões mais estruturais do ciclo que agora se encerra; o início da adoção de uma política de investimento responsável foi dado no final de 2019, com a alienação das participações da Fundação em combustíveis fósseis.

O desinvestimento na Partex permitiu diversificar a carteira de investimentos e alinhar a Fundação com a visão de futuro sustentável e circular, que partilha com outras grandes fundações internacionais.

E, em resultado da **política de investimentos que desde então foi seguida**, o capital da Fundação está ao nível de um dos seus melhores resultados.

-No domínio da **sustentabilidade**, e na sequência da decisão do desinvestimento em combustíveis fósseis, a criação do **Prémio Gulbenkian para a Humanidade**, atribuído anualmente, e que incide sobre questões relacionadas com as alterações climáticas, foi uma das medidas emblemáticas, nesta aposta na proteção do planeta.

A Fundação reforçou a sua agenda na promoção da mudança para um novo modelo de crescimento económico mais sustentável. Refiro-me ao apoio de projetos pioneiros no domínio da Economia Azul e da conservação dos oceanos; do uso eficiente da Água no setor agroalimentar; e do combate à pobreza energética.

- A Fundação foi fundamental na criação de um **ecossistema de Inovação Social**, com a procura de novas soluções para problemas complexos, em especial para os mais vulneráveis - refiro-me à criação de novos instrumentos de investimento que permitem não só uma gestão mais eficaz, como também alavancar mais financiamento privado para a agenda do investimento de impacto social.

- Com o lançamento do **Fórum Futuro**, em 2019, a Fundação passou a dispor do seu próprio *think tank*, dando particular atenção às questões disruptivas para o nosso futuro, designadamente numa perspetiva sobre a justiça intergeracional e sobre o futuro da democracia.

- A **transformação digital** e o **rejuvenescimento dos quadros** dotaram a Fundação de uma agilidade e capacidade de cooperação que permitiu que respondesse a uma situação inesperada, com a criação de um **fundo de Emergência Covid-19** que possibilitou a concretização de iniciativas num período extremamente curto e com muita flexibilidade. **A Fundação soube estar onde era preciso.**

- Finalmente, refiro ainda **duas grandes alterações** na área da **cultura e da ciência.**

Falo da **renovação do CAM e da expansão do jardim** estendida a sul. O conceito desta intervenção beneficiará duma renovada interação com o parque, cruzando natureza, cultura, e arte, e com uma maior abertura à Cidade, cuja conclusão está prevista para 2023;

E o **novo projeto científico do IGC**, baseado na investigação dos efeitos das alterações ambientais na saúde humana, com a instalação de um novo centro situado no “*Ocean Campus*” em Pedrouços, o que permitirá que o IGC se torne num instituto mais colaborativo e aberto e com novas parcerias designadamente com as também novas instalações vizinhas da Fundação Champalimaud e do “Hub do Mar” da Câmara Municipal de Lisboa, entre outros, para além da prevista incubação do Centro de Investigação em Ciências Biomédicas da Universidade Católica.

\*\*\*

A partir de hoje será o Prof. António Feijó que terá a responsabilidade, juntamente com um novo Conselho, de conduzir os destinos da Fundação.

António Feijó foi eleito em dezembro do ano passado. Desde 2018 que integra o Conselho de Administração, como Administrador não-executivo, onde ficou patente a sua abrangência de interesses e a sua curiosidade intelectual, que não é seguramente alheia ao seu notável percurso académico. Gostaria ainda de dizer que, durante este período de transição, apenas reforcei a minha admiração pelo seu conhecimento, pela sua inteligência e pela sua sólida cultura. Estou certa de que nos garante a confiança de que, nos próximos anos, todos continuarão a contar com a Fundação Calouste Gulbenkian.

\*\*\*

Para terminar, permitam-me uma palavra pessoal.

Fui muito feliz na Fundação e sinto que cresci interiormente. Confesso que tenho orgulho pela confiança que em mim depositaram por ter sido a primeira Administradora e a primeira mulher Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian.

Agradeço particularmente a todos os meus colegas, antigos e atuais, e aos antigos presidentes, naturalmente, com especial admiração por Emílio Rui Vilar e Artur Santos Silva, aqui presentes.

Agradeço aos colaboradores, antigos e atuais... mas todos perceberão que deixo uma palavra muito especial de gratidão “aos Ruis e às Teresas” – meus pilares destes últimos cinco anos – sem os quais, pelo seu apoio, confiança e amizade não teria sido a mesma coisa.

Agradeço à minha família, a quem tudo devo. Recordo o que disse há cinco anos às minhas netas e em que continuo firmemente a acreditar: “uma carreira profissional é apenas e só uma parte importante da nossa vida.

A realização pessoal vai muito mais além, e exige escolhas, sensibilidade e bom senso que preservem o essencial - o amor, a família e a integridade.”

\*\*\*

Assim sendo, como é que vai ser o meu “tomorrow”?

Não sei bem ainda... mas sei que não quero perder o sentido da vida e quero sentir-me útil.

Sei que vou conseguir um equilíbrio interior entre memórias e sonhos por realizar.

Isabel Mota